

A SEMÂNTICA DOS TERMOS GERAIS: LOCKE, BERKELEY E HUME

Aluno: João Paulo de F. Araujo
Orientador: Luiz Carlos Pereira

1) Introdução

A existência e a natureza de idéias gerais e abstratas constituem, sem dúvida alguma, um dos temas centrais do empirismo clássico. Locke, Berkeley e Hume dedicaram partes importantes de suas principais obras à discussão sobre a operação de abstração e o papel epistêmico/semântico que idéias com uma natureza geral desempenham no quadro de uma posição empirista.

O objetivo de nossa pesquisa será analisar as propostas destes empiristas <John Locke, George Berkeley e David Hume> para a problemática da abstração e da existência e natureza das idéias gerais e abstratas. Buscaremos fundamentalmente confrontar a proposta de Locke para uma semântica de termos gerais baseada na associação <termo geral - idéia geral e abstrata> com as críticas e propostas alternativas de Berkeley e Hume.

Em um primeiro momento, buscaremos compreender a proposta lockiana para uma operação de abstração responsável pela produção de nossas idéias gerais e abstratas, e por que Locke considerava indispensáveis idéias com tal natureza. Em seguida, analisaremos a crítica realizada por Berkeley à teoria da abstração lockiana e sua proposta positiva alternativa, com a qual buscou dar conta da semântica dos termos gerais e da generalidade do nosso conhecimento, em particular, do conhecimento matemático. Por fim, buscaremos identificar alguns elementos originais nos argumentos utilizados por Hume em sua retomada da crítica berkeleyana à teoria da abstração.

Parte I – John Locke

2) A teoria da abstração em Locke

No início de seu *Ensaio*, Locke nos informa que seu objetivo principal não é analisar as considerações físicas da mente ou descobrir sua natureza essencial, mas entender os mecanismos e faculdades que utilizamos quando nossa mente opera com seus objetos, a saber, as idéias. Para tal utilizou o seguinte método:

1. Investigar a origem de nossas idéias e como o conhecimento surge através delas;
2. Mostrar qual o conhecimento o entendimento tem por meio dessas idéias, sua certeza, evidência e extensão; e
3. Investigar a natureza e as bases da fé e da opinião.

É no item 1 que encontramos a proposta de Locke para uma operação de abstração que buscará resolver o problema da semântica dos termos gerais, fundamentais, segundo Locke, para a produção e acúmulo do conhecimento.

Para esclarecer ao leitor sobre o uso que fará da palavra “idéia”, Locke, em sua introdução, diz que “idéia” foi o melhor termo que encontrou para representar os objetos com que a mente lida, e que, como ele afirma, qualquer um tem certeza de que tais idéias ocorrem em suas mentes e que as palavras e ações mostram que ocorrem nas dos outros também.

“It being that term (idea) which, I think, serves best to stand for whatsoever is the object of the understanding when a man thinks, I have used it to express whatever is meant by phantasm, notion, species, or whatever it is which the mind can be employed about thinking; and I could not avoid frequently using it.”

O Livro II do *Ensaio* Locke tem como tema central as próprias idéias e as operações que a mente é capaz de realizar com idéias. No primeiro capítulo, Locke afirma que todo ser humano possui idéias em sua mente e que não podemos negar este fato, pois temos exemplos bem claros, tais como a idéia de verde, de frio, de homem, de elefante, etc. De acordo com Locke, todas as nossas idéias possuem uma única fonte, a saber, a experiência, rejeitando, portanto, a possibilidade de uma origem inata para qualquer uma de nossas idéias:

“Let us then suppose the mind to be, as we say, white paper, void of all characters, without any ideas: - How comes it to be furnished? Whence comes it by that vast store which the busy and boundless fancy of man has painted on it with an almost endless variety? Whence has it all the materials of reason and knowledge? To this I answer, in one word, from EXPERIENCE. In that all our knowledge is founded; and from that it ultimately derives itself.”

(Livro II, capítulo 1, parágrafo 2)

Para Locke a experiência pode em geral ser de dois tipos: experiência interna e experiência externa. Segundo a ordem do tempo, começamos a ter idéias no momento em que começamos a perceber sensivelmente o mundo: a cor amarela, o odor de um perfume, os sons, etc. Nesse instante a mente é passiva ao receber estas idéias, elas são naturalmente captadas sem qualquer esforço. Para Locke esta é a primeira fonte das idéias e se denomina Sensação. Posteriormente, e sendo a última fonte, vem a Reflexão. Idéias como pensar, desejar e acreditar são alguns exemplos originados pela reflexão, que se caracteriza pelas operações internas da mente dos objetos e idéias obtidas pela Sensação.

Boa parte do Livro II do *Ensaio* pode ser considerada como um grande quadro classificatório de idéias. A primeira divisão que encontramos no domínio das idéias é a que separa esse domínio em idéias simples e idéias complexas. As idéias simples não admitem decomposição e a mente é totalmente passiva quanto à sua recepção. Depois de abastecidos de idéias simples, somos capazes de unificá-las, recombina-las e criar uma grande variedade de idéias complexas, mas não somos capazes de criar uma única idéia simples que seja ou mesmo de destruí-la. Locke nos pergunta, por exemplo, se podemos imaginar um novo sabor ou cheiro ou se um cego de nascença pode possuir idéias de cores.

Ainda no Livro II, Locke nos apresenta um conjunto de operações que a mente é capaz de realizar com as idéias simples e complexas. São elas: discernimento, comparação, composição e abstração, sendo esta última de fundamental importância para sua teoria em geral e mais especificamente para o tema tratado neste projeto, a saber, a semântica dos termos gerais.

De acordo com Locke, a operação da abstração passa a ser necessária a partir do momento em que começamos a nomear nossas idéias, pois como só existem coisas particulares no mundo e as idéias surgem destes particulares, deveríamos dispor de um estoque infinito de nomes, caso cada idéia particular devesse possuir um nome distinto. Locke claramente expressa essa preocupação no parágrafo 9, cap. 11, livro II:

“The use of words then being to stand as outward marks of our internal ideas, and those ideas being taken from particular things, if every particular idea that we take in should have a distinct name, names must be endless.”

E ainda que fossemos capazes de atribuir um nome a cada idéia particular, isso seria inútil, segundo Locke, para o desempenho da função comunicacional da linguagem e para o aperfeiçoamento do conhecimento. O que a abstração faz é diminuir a quantidade de nomes transformando idéias particulares em gerais, possibilitando assim o uso de termos gerais, capazes de representar vários particulares ao mesmo tempo.

O processo da abstração ocorre quando ao observarmos um objeto, não consideramos fatores como o lugar em que se encontra, a data ou hora de observação, seu estado de degradação, ou quaisquer outros detalhes que possam determiná-lo para esta ou aquela existência particular. Isto fica claro no *Ensaio* de Locke na seguinte passagem:

“To prevent this, the mind makes the particular ideas received from particular objects to become general; which is done by considering them as they are in the mind such appearances, - separate from all other existences, and the circumstances of real existence, as time, place, or any other concomitant ideas. This is called ABSTRACTION, ...” (Livro II, Cap. XI, 9)

Portanto, qualquer idéia particular que esteja em conformidade com alguma idéia abstrata, poderá ser representada pelo nome que sinaliza esta idéia abstrata:

“... whereby ideas taken from particular beings become general representatives of all of the same kind; and their names general names, applicable to whatever exists conformable to such abstract ideas.”

Às vezes esta idéia abstrata pode ser apenas a funcionabilidade de um objeto, como é o exemplo do relógio, que pode ser digital, analógico, de água, de sombra, de parede, pulso, bolso, etc. E é através dessas idéias gerais que o conhecimento vai sendo construído e acumulado, pois torna-se possível criar classificações e agrupamentos de objetos e até mesmo de idéias que possuem algum “padrão” em comum. Feito isto, postulados universais e gerais tornam-se possíveis também. Locke nos diz:

“Such precise, naked appearances in the mind, without considering how, whence, or with what others they came there, the understanding lays up (with names commonly annexed to them) as the standards to rank real existences into sorts, as they agree with these patterns, and to denominate them accordingly.”

3) A semântica dos termos gerais para Locke

Quando o assunto é a linguagem em geral (Livro III), Locke nos diz que os seres humanos são privilegiados, pois possuem órgãos capazes de produzir sons articulados e bem definidos, a saber, as palavras. Mas este privilégio não pode ficar limitado somente a essa capacidade de produzir sons articulados, pois os papagaios e outros pássaros também possuem essa capacidade, mesmo não sendo capazes de produzir linguagem. O que realmente nos distingue dos pássaros, em termos de capacidade lingüística, é que temos a habilidade de transformar esses sons articulados, essas palavras, em sinais de idéias (internas) em nossas mentes. Dessa forma, é através desses sinais que os outros têm acesso às nossas concepções internas e nós as deles. Essas considerações sobre a linguagem em geral aparecem explicitamente nas passagens abaixo:

“Man, therefore, had by nature his organs so fashioned, as to be fit to frame articulate sounds, which we call words. But this was not enough to produce language;...”

“Besides articulate sounds, therefore, it was further necessary that he should be able to use these sounds as signs of internal conceptions; and to make them stand as marks for the ideas within his own mind, whereby they might be made known to others, and the thoughts of men’s minds be conveyed from one to another.”

(Ensaio, Livro III, Cap. 1, parágrafos 1 e 2)

Como já havia feito no Livro II, Locke volta a destacar no início do Livro III a importância, e mesmo a necessidade, da formação de termos gerais para o funcionamento da linguagem. As palavras não seriam muito úteis se cada uma fosse sinal de um particular, pois deste modo haveria uma multiplicação de palavras que dificultaria a comunicação. Os termos gerais previnem isso, pois um só termo é capaz de representar várias coisas particulares.

Seguindo adiante, Locke comenta que para haver comunicação de pensamentos e idéias entre as pessoas é necessário o uso de sinais sensíveis externos em que todos têm acesso e que poderão utilizá-los como “meio de propagação”. Para esta função não foi encontrado nada mais adequado, tanto pela variedade quase infinita como pela rapidez, do que os sons articulados, as palavras. Por esta razão elas passaram a ser utilizadas pelos homens como sinais de suas idéias, mas estas conexões, entre palavras e idéias, foram sendo criadas não de forma natural, mas sim através de imposições voluntárias, pela arbitrariedade. Caso contrário, só poderia haver uma linguagem. Veja no *Ensaio*:

“For this purpose nothing was so fit, either for plenty and quickness, as those articulate sounds, which with so much ease and variety he found himself able to make. Thus we may conceive how words, which were by nature so well adapted to that purpose, came to be made use of by men as the signs of their ideas; not by any natural connexion that there is between particular articulate sounds and certain ideas, for then there would be but one language amongst all men; but by a voluntary imposition, whereby such a word is made arbitrarily the mark of such an idea.”

(Livro III, Cap. 2, parágrafo 1)

Locke também afirma que o significado primário e imediato de uma palavra é uma idéia na mente de quem a usa, a idéia da qual a palavra é um sinal. As palavras não podem significar imediatamente as idéias de outros, pois quem as está usando não saberia então do que está falando. A pessoa só pode comunicar aquilo que sabe e conhece. No entanto, de modo a garantir a função comunicativa da linguagem, Locke propõe então que quem usa as palavras supõe que elas também sejam sinais das mesmas idéias na mente de seus interlocutores. Caso isto não acontecesse, não haveria comunicação inteligível. Nas próprias palavras de Locke:

“... and let me add, that unless a man’s words excite the same ideas in the hearer which he makes them stand for in speaking, he does not speak intelligibly.” (Ensaio, Livro III, Cap. 2, parágrafo 8)

No que diz respeito ao caso específico dos termos gerais, Locke observa que estes são maioria em nossa linguagem, ainda que possamos imaginar, em um primeiro momento, que não. Este engano seria de certa forma justificável, visto que todas as coisas existentes são

particulares e os significados das palavras possuem conformidade com essas coisas. Mas ao analisarmos melhor a situação, vemos que isto realmente não acontece. Locke nos apresenta três razões para este fato:

- Não possuímos capacidade mental para formar e armazenar idéias distintas de todas as coisas particulares com que nos deparamos e suas respectivas palavras ou termos correspondentes: cada animal, planta, objeto, etc;
- Mesmo que conseguíssemos armazenar e memorizar todas essas idéias distintas, isto seria inútil para a comunicação, pois a maioria dessas idéias particulares não serviria para transmitir um pensamento à outra pessoa, já que a mesma poderia não ter tido contato e nem estar familiarizada com essas idéias (e com os objetos correspondentes).
- Mesmo admitindo ser possível a comunicação entre as pessoas através de todos esses nomes particulares, isto não seria de grande utilidade para o aperfeiçoamento do conhecimento, que, apesar de estar baseado em coisas particulares, é ampliado através de visões e conceitos gerais.

A seguinte afirmação de Locke resume bem nossas considerações acima:

"The far greatest part of words that make all languages are general terms: which has not been the effect of neglect or chance, but of reason and necessity."

(Ensaio, Livro III, Cap. 3, parágrafo 1)

Apesar desses argumentos, os nomes próprios também possuem utilidade em determinadas situações, como é o caso em nossa espécie, em que temos a necessidade de nomear aquelas pessoas, coisas e lugares com os quais possuímos algum tipo de relação e em que frequentemente surge a necessidade de mencioná-los. Locke nos oferece mais alguns exemplos:

"Besides persons, countries also, cities, rivers, mountains, and other the like distinctions of place have usually found peculiar names ..."

(Ensaio, Livro III, Cap. 3, parágrafo 5)

Após ter concluído que a maioria das palavras e termos que utilizamos em nossa linguagem são gerais, a pergunta que naturalmente se coloca, e que Locke se propõe a responder, é: como são formados estes termos gerais, ou onde encontramos estas naturezas gerais que supostamente representam?

Locke então vai propor que as palavras se tornam gerais quando são estabelecidas como sinais de idéias gerais, e as idéias se tornam gerais através da operação de abstração, abordada na seção anterior deste relatório. Desta forma, as idéias gerais, e conseqüentemente os termos gerais, são capazes de representar mais do que apenas um particular, e cada um desses particulares tem uma conformidade com aquela idéia abstrata. As naturezas gerais, os gêneros e as espécies que tanto se procuram nada mais são do que estas idéias gerais e abstratas.

Com o objetivo de tornar sua proposta mais clara e compreensível, Locke então nos dá o exemplo de uma criança que, em sua primeira infância, possui as idéias de mãe e pai bem formadas na mente e que representam e estão limitadas apenas àqueles indivíduos. Com o tempo, a criança amplia seu contato com o mundo e percebe que existem muitas outras coisas que possuem qualidades semelhantes às de seus pais. Com base nessas semelhanças, a criança forma uma nova idéia de que participam vários outros indivíduos, a idéia de "homem". Ao associarem um determinado sinal a essa idéia de "homem", passam a ter um termo geral e uma idéia geral. Locke resume o processo no seguinte trecho:

"And thus they come to have a general name, and a general idea. Wherein they make nothing new; but only leave out of the complex idea they had of Peter and James, Mary and Jane, that which is peculiar to each, and retain only what is common to them all."

(Ensaio, Livro III, Cap. 3, parágrafo 7)

Locke então continua seu exemplo para mostrar a formação de nomes e noções ainda mais gerais que o de "homem". Utilizando o mesmo processo, Locke chega à idéia de "animal" ao excluir todas as particularidades da idéia de "homem", mantendo apenas a de um corpo com vida, sentidos e movimento espontâneo.

"Leave out of the idea of animal, sense and spontaneous motion, and the remaining complex idea, made up of the remaining simple ones of body, life, and nourishment, becomes a more general one, under the more comprehensive term, vivens. And, not to dwell longer upon this particular, so evident in itself; by the same way the mind proceeds to body, substance, and at last to being, thing, and such universal terms, which stand for any of our ideas whatsoever."

(Ensaio, Livro III, Cap. 3, parágrafo 9)

De maneira curiosa, Locke afirma que a universalidade e a generalidade não pertencem às coisas reais do mundo, mas dizem respeito somente a signos. A universalidade não pertence a coisas, que em sua existência são individuais e particulares, e nem mesmo às palavras e idéias que tem como significado noções gerais. Elas são sim criaturas e invenções formadas pelo entendimento, e suas naturezas nada mais são do que uma potencialidade que lhes é adicionada de representar vários particulares, como podemos concluir da seguinte passagem:

"...but universality belongs not to things themselves, which are all of them particular in their existence, even those words and ideas which in their signification are general. When therefore we quit particulars, the generals that rest are only creatures of our own making; their general nature being nothing but the capacity they are put into, by understanding, of signifying or representing many particulars."

(Ensaio, Livro III, Cap. 3, parágrafo 11)

Como pode agora Locke afirmar que todas as coisas no mundo são particulares, inclusive as idéias que seriam gerais? Locke poderia estar se contradizendo neste ponto. Veremos mais adiante também que, esta potencialidade, à que menciona, contém a suspeita de estar relacionada com a função representacional da semântica dos termos gerais de Berkeley.

Após a afirmação de que a generalidade não se encontra no mundo real, alguns poderiam questioná-la pensando na semelhança entre várias coisas, como por exemplo, entre os animais e entre todas as coisas propagadas pela semente. Mas Locke não nega este fato e vai afirmar que o entendimento aproveita estas similitudes para formar idéias gerais abstratas e classificá-las sob nomes. Veja a afirmação:

"...the sorting of them under names is the workmanship of the understanding, taking occasion, from the similitude it observes amongst them, to make abstract general ideas..."

(Ensaio, Livro III, Cap. 3, parágrafo 13)

Locke também nos adverte para não cairmos no engano de achar que os termos gerais representam a pluralidade das coisas. O que eles significam é todo um tipo, uma espécie de coisas. E todo termo o faz quando é sinal de uma idéia geral e abstrata na mente.

4) Máximas: problematização

No capítulo 7 do Livro III do *Ensaio*, onde o tema tratado é a questão das máximas, pode-se perceber no parágrafo 9 que o próprio Locke identifica uma dificuldade para a sua teoria das idéias abstratas. Ela é primeiramente exposta na seguinte frase:

"For, when we nicely reflect upon them, we shall find that general ideas are fictions and contrivances of the mind, that carry difficulty with them, and do not so easily offer themselves as we are apt to imagine."

Locke nos oferece um exemplo que ilustra essa dificuldade. Ele pede para imaginar-nos a idéia geral de triângulo; essa idéia geral de triângulo não pode ser de nenhum tipo de triângulo específico, como isósceles, retângulo, escaleno, etc., e tem que ser todos de todos esses tipos ao mesmo tempo, e isto não pode existir, como afirma Locke na passagem:

"For example, does it not require some pains and skill to form the general idea of a triangle, (which is yet none of the most abstract, comprehensive, and difficult,) for it must be neither oblique nor rectangle, neither equilateral, equicrural, nor scalenon; but all and none of these at once. In effect, it is something imperfect, that cannot exist; an idea wherein some parts of several different and inconsistent ideas are put together."

Locke, não achando uma solução muito satisfatória para esse problema, vai apenas afirmar que, de qualquer maneira, essas idéias gerais e abstratas são necessidades que a mente possui para que haja eficiência na comunicação e no acúmulo de conhecimento:

"It is true, the mind, in this imperfect state, has need of such ideas, and makes all the haste to them it can, for the conveniency of communication and enlargement of knowledge; to both which it is naturally very much inclined."

Veremos mais à frente que esta dificuldade e também este exemplo específico dos triângulos serão novamente explorados, desta vez por Berkeley, em sua crítica à operação de abstração de Locke.

Parte II – George Berkeley

5) Crítica à abstração

Segundo Berkeley, a aceitação da doutrina da abstração é a origem e causa principal de boa parte dos problemas e controvérsias que quase todos os domínios de conhecimento de sua época enfrentavam. É na Introdução de seu *Tratado Sobre os Princípios do Conhecimento Humano* que encontramos sua clássica crítica à doutrina das idéias abstratas. Na seção 10 da Introdução, Berkeley nos apresenta dois tipos de abstração:

1. Um sentido em que, a partir de um determinado objeto seríamos capazes de considerar partes e qualidades separadas uma das outras;
2. E outro em que seríamos capazes de formar noções gerais removendo particularidades e mantendo as semelhanças, como no exemplo mostrado para os nomes "homem", "animal", entre outros na página 8 deste relatório.

Berkeley aceita a primeira:

"... por mim tenho realmente a faculdade de imaginar ou representar-me idéias de coisas particulares e de variamente as compor e dividir. Posso imaginar um homem bicípite ou a parte superior de um homem ligada a um corpo de cavalo; posso considerar a mão, os olhos, o nariz separados do resto do corpo..."

Mas recusa a segunda:

"... Mas olho e mãos imaginados terão forma e cor particulares. Igualmente a idéia de homem imaginada tem de ser de homem branco ou preto ou moreno, direito, curvado, alto, baixo ou mediano. Não consigo, por mais que pense, conceber a idéia abstrata acima descrita. Também me é impossível formar idéia abstrata de movimento diferente da de corpo móvel e que não é nem rápido nem lento, curvilíneo ou retilíneo. O mesmo se diga de quaisquer idéias abstratas."

Berkeley também discute a contradição presente na idéia geral e abstrata de "triângulo", identificada pelo próprio Locke (veja seção 4 deste relatório), para reforçar sua rejeição de idéias com essa natureza abstrata.

Berkeley sintetiza bem sua crítica na seguinte afirmação:

"Em suma, sou capaz de abstrair em um sentido, como ao considerar partes ou qualidades separadas de outras com que estão unidas no mesmo objeto mas possam existir sem elas. Mas nego que possa abstrair e conceber separadamente qualidades que é impossível encontrar separadas; ou que possa formar uma noção geral, abstraindo de particularidades pelo modo referido - e são afinal os dois sentidos de "abstração"."

(Tratado, Introdução, parágrafo 10)

6) Proposta alternativa positiva

Feita a crítica forte à teoria da abstração de Locke, Berkeley nos apresenta então uma proposta alternativa positiva para a questão da semântica dos termos gerais e da generalidade do conhecimento, e dessa forma mostrar a inutilidade e a dispensabilidade das idéias gerais e abstratas.

Sua proposta é primeiramente exposta no parágrafo 12 da Introdução do *Tratado*:

"... Ora, se quisermos atribuir sentido às nossas palavras e falar somente do que podemos conceber, concordaremos - creio eu - que uma idéia particular, quando considerada em si mesma, se torna geral quando representa todas as idéias particulares da mesma espécie."

É importante notar que esta proposta é em si uma nova concepção de semântica para os termos gerais. Enquanto que em Locke temos uma semântica meramente associativa, em que um termo geral tem como significado a idéia geral e abstrata a qual está associado, agora em Berkeley esta semântica também dependerá de funções e relações representacionais, onde um nome geral nos remete a uma idéia particular que, de acordo com sua forma de aplicação, é capaz de representar um grupo de particulares, tornando-se assim geral.

Um outro ponto a ser observado é que existe a suspeita de que esta passagem poderia estar escondendo ou mascarando uma operação da abstração. A palavra "espécie" oferece abertura para este questionamento, já que ela poderia conter, implicitamente, uma referência

ao processo de abstração. A seguinte passagem de Locke nos ajuda a entender o porquê desta suspeita:

"To conclude: this whole mystery of genera and species, which make such a noise in schools, and are with justice so little regarded out of them, is nothing else but "abstract ideas", more or less comprehensive, with names annexed to them."

(Ensaio, Livro III, cap. 3, parágrafo 9)

Por outro lado, também existe abertura para que nos questionemos se Locke, em sua passagem do *Ensaio*, do Livro III, cap. 3 e parágrafo 11, exposta na seção 3 deste relatório, não estaria recorrendo implicitamente à semântica dos termos gerais de Berkeley. Neste trecho, Locke parece afirmar que até as idéias gerais seriam particulares em essência, e também faria referência a uma potencialidade adicionada a estas idéias gerais.

Voltando à explicação da proposta alternativa, Berkeley nos oferece o exemplo de um geômetra que nos ensina a dividir uma linha em duas partes iguais. Ele então traça uma linha com um determinado comprimento e a separa em duas partes. Só que, mesmo ele tendo demonstrado a separação para aquela linha em particular, o método serve para qualquer linha desenhada, não importando seu tamanho. Logo, aquela linha passou a representar todas as outras linhas particulares, e nesse sentido se tornou geral; o mesmo vale para o nome linha, "que em absoluto é particular, como símbolo se torna geral".

No que diz respeito a possibilidade de conhecimentos universais, Berkeley prossegue:

"Universalidade, tanto quanto compreendo, não consiste na absoluta, positiva natureza ou concepção de alguma coisa, mas na relação que significa entre particulares; por isso coisas, nomes e noções, por natureza particulares, tornam-se universais. Assim, quando demonstro um teorema sobre triângulos, supõe-se tenho em vista a idéia universal de triângulo, que não deve entender-se como idéia de um triângulo nem equilátero nem escaleno nem isósceles; mas o triângulo particular considerado, desta ou daquela forma, pouco importa, representa todos os triângulos retilíneos; e neste sentido é universal."

(Tratado, Introdução, parágrafo 15)

Mas dúvidas ainda podem permanecer, pois como garantir que um teorema demonstrado para um triângulo particular tenha validade para outros triângulos particulares? Teríamos por acaso que demonstrar o teorema para cada triângulo particular? Isto seria claramente impossível. Ou seria necessário à verdade universal recorrermos à idéia geral e abstrata de triângulo de forma que quando aplicássemos o teorema a ela estaríamos abrangendo todos os particulares de uma só vez?

Berkeley previu estes questionamentos e respondeu a eles utilizando como exemplo o teorema de que a soma dos ângulos internos de todo triângulo é igual a dois retos:

"Embora a minha idéia ao fazer a demonstração seja a de um isósceles retângulo, com determinada extensão de lados, eu posso generalizá-la a outros triângulos retilíneos quaisquer porque nem o ângulo reto nem a igualdade ou o comprimento dos lados entram na demonstração... ; por isso concluo ser verdadeira de um oblíquângulo ou escaleno a relação demonstrada para um triângulo particular retângulo isósceles e não por ter demonstrado a proposição da idéia abstrata de triângulo. E aqui deve reconhecer-se a possibilidade de considerar-se apenas a forma triangular sem olhar a qualidades particulares dos ângulos ou relações entre os lados."

(Tratado, Introdução, parágrafo 16)

O que Berkeley quer dizer é: a demonstração de que a soma dos ângulos internos de um triângulo é sempre igual a dois retos é feita sempre para um determinado triângulo particular, mas essa demonstração não utiliza como hipóteses nenhuma característica particular desse triângulo particular (como o comprimento de seus lados e a natureza de seus ângulos). A única hipótese da demonstração é uma área limitada por três retas. E como esta hipótese é a própria definição de triângulo, esta demonstração abrange, portanto, todos os triângulos particulares existentes.

A seguir veremos a retomada por Hume da proposta de Berkeley neste debate em torno da semântica dos termos gerais. Sua maior contribuição para o tema foi aprofundar pontos não tão bem explorados por Berkeley em sua própria teoria, como por exemplo, o processo de representação de um grupo de particulares por apenas um deles.

Parte III – David Hume

7) Argumentos contra a abstração

Hume, diante da questão filosófica das idéias gerais - se elas são, em sua natureza, gerais ou particulares na mente de quem as concebe -, vai concordar com a posição tomada por Berkeley, em que se afirma o caráter particular de todas as idéias que temos na mente, inclusive as gerais. Hume então retoma a teoria de Berkeley e tenta confirmá-la através de três argumentos, esperando assim eliminar todas as dúvidas e controvérsias ainda existentes.

De acordo com alguns, as idéias abstratas, que seriam as responsáveis pela generalidade, representam idéias sem graus particulares, tanto de quantidade como de qualidade. Hume nos diz que esta inferência é equivocada, pois:

"... that the mind cannot form any notion of quantity or quality without forming a precise notion of degrees of each; ..."

(Tratado da Natureza Humana, Livro I, parte 1, seção 7, parágrafo 3)

Para provar esta afirmação, que impossibilita a existência das idéias abstratas, Hume lança mão de três argumentos:

1. O da inseparabilidade, em que o grau preciso de uma qualidade não é distinto nem separável da própria qualidade;
2. O da cópia, em que as idéias são cópias mais fracas das impressões e nenhuma impressão pode estar presente na mente sem graus determinados de qualidade e quantidade;
3. E o da analogia, onde todas as coisas na natureza são individuais e, portanto, só podemos ter impressões, e conseqüentemente idéias, individuais.

No que concerne ao argumento da inseparabilidade, Hume faz primeiro a observação de que se quaisquer objetos são diferentes, eles são distinguíveis, e se são distinguíveis, eles também são separáveis. Como a operação de abstração envolve a separação de partes e qualidades de idéias, ela deve estar de acordo com a observação feita acima. Desta forma, devemos investigar se todas as qualidades que abstraímos de uma idéia geral são diferentes e distinguíveis das que retemos e que consideramos como partes essenciais dela. Sem muita dificuldade, Hume nos mostra um exemplo onde não é possível a distinção:

"But 'tis evident at first sight, that the precise length of a line is not different nor distinguishable from the line itself; ..."

De onde conclui:

*"... nor the precise degree of any quality from the quality."
(Parágrafo 3)*

Assim, essas idéias, a de linha e a de comprimento da linha, não podem ser separadas, são indistinguíveis. Conseqüentemente, a idéia de linha, apesar de todas as abstrações, tem uma aparência com um grau determinado de qualidade e quantidade em nossas mentes.

O segundo e o terceiro argumentos vão lidar com o conceito de "impressão", inexistente na teoria de Berkeley. Para Hume, tudo com que lidamos são percepções, e estas podem ser de dois tipos: as fortes, as quais damos o nome de impressões, e as fracas, que chamamos de idéias. Ambas possuem a mesma natureza, mantendo apenas uma diferença no grau de sua força e vividez. As impressões seriam, por exemplo, "todas as nossas sensações, emoções e paixões, em sua primeira aparição na alma". Já as idéias poderiam ser consideradas "pálidas imagens dessas impressões", como quando do seu na mente sob a forma de uma idéia da memória ou uma idéia da imaginação. Vejamos a definição nas palavras do autor:

*"Those perceptions, which enter with most force and violence, we may name "impressions", and under this name I comprehend all our sensations, passions and emotions, as they make their first appearance in the soul. By "ideas" I mean the faint images of these in thinking and reasoning;"
(seção 1, parágrafo 1)*

Baseando-nos nesta definição, podemos compreender a razão pela qual não é possível que um objeto apareça aos sentidos, ou seja, uma impressão venha à mente, sem ter graus bem definidos de qualidade e quantidade (segundo argumento). Conseqüentemente, como as idéias são apenas impressões com menos vividez, elas também devem possuir graus precisos de particularidades. Hume conclui:

*"An idea is a weaker impression; and as a strong impression must necessarily have a determinate quantity and quality, the case must be the same with its copy or representative."
(Seção 7, parágrafo 5)*

O argumento seguinte, o da analogia, envolve uma espécie de comparação entre o que se passa no domínio das coisas e no domínio das idéias. Hume utiliza o princípio que afirma que todas as coisas existentes na natureza são individuais, segundo ele um princípio básico da filosofia, para inferir que supor a existência e alguma coisa sem determinações precisas de graus de quantidade e qualidade é um absurdo, e como isso é absurdo de fato e na realidade, também deve ser absurdo no âmbito das idéias.

*"Thirdly, 'tis a principle generally receiv'd in philosophy, that every thing in nature is individual, and that 'tis utterly absurd to suppose a triangle really existent, which has no precise proportion of sides and angles. If this therefore be absurd in fact and reality, it must also be absurd in idea;"
(parágrafo 6)*

Após a apresentação destes três argumentos, Hume vai então inferir que as idéias abstratas são na realidade idéias particulares. Porém, estas idéias particulares podem se tornar

gerais, em suas representações, através do que Hume chama de hábitos, que é o assunto da próxima seção.

8) Os “hábitos” na proposta alternativa

Hume, não somente está de acordo com Berkeley em relação à inexistência das idéias abstratas, mas como também em relação à sua proposta alternativa positiva para a semântica dos termos gerais. Esta proposta dizia que, apesar da idéia geral ser em essência uma idéia particular na mente, ela conseguiria representar todos os outros particulares que se encontram sob a mesma denominação. Hume a relembra em seu *Tratado*:

"Abstract ideas are therefore in themselves individual, however they may become general in their representation. The image in the mind is only that of a particular object, tho' the application of it in our reasoning be the same, as if it were universal."

(parágrafo 6)

O que Hume vai então fazer é aprofundar o estudo desta proposta buscando esclarecer melhor como é este processo de representação de um grupo de particulares, que possuem semelhanças entre si, por apenas um deles.

Quando começamos a perceber semelhanças entre determinados objetos, muitas das vezes aplicamos o mesmo nome para todos eles, explica Hume. Nestes casos não nos importamos com suas diferenças, deixando-as de lado. Vejamos a passagem:

"When we have found a resemblance among several objects, that often occurs to us, we apply the same name to all of them, whatever differences we may observe in the degrees of their quantity and quality, and whatever other differences may appear among them."

(parágrafo 7)

Após adquirirmos este hábito de agrupar objetos semelhantes sob um mesmo nome, o simples escutar deste nome nos fará lembrar de um desses objetos, e a imaginação irá concebê-lo com todas as suas particularidades. Mas como o nome é supostamente a representação de vários outros particulares e a mente não tem a capacidade de conceber todos eles ao mesmo tempo, o que fazemos é reviver o hábito adquirido junto com a idéia individual. Desta forma, mesmo que de fato ainda não tenhamos todos os particulares na mente, nós os temos em potencialidade, ficando à nossa disposição para buscá-los de acordo com as nossas necessidades. Nas palavras de Hume:

"... the word not being able to revive the idea of all these individuals, only touches the soul, if I may be allow'd so to speak, and revives that custom, which we have acquir'd by surveying them. They are not really and in fact present to the mind, but only in power; nor do we draw them all out distinctly in the imagination, but keep ourselves in readiness to survey any of them, as we may be prompted by a present design or necessity."

(Parágrafo 7)

Mas esta semântica nem sempre é uma maneira perfeita de representar as coisas, observa Hume. Às vezes pode ocorrer inconveniências, como por exemplo: se mencionarmos a palavra triângulo e formarmos uma idéia de triângulo equilátero, os ouvintes poderão formar idéias de vários tipos de triângulo, como escaleno, retângulo, etc. e assim não seria garantido que a idéia fosse transmitida de forma perfeita. Mas, como Hume nota, estas pequenas falhas

e imperfeições não afetam muito no propósito da comunicação em geral, somente naqueles casos em que são utilizadas palavras de difícil compreensão ou de significados ocultos.

Hume percebe também que, às vezes, antes dos hábitos estarem completamente formados nas pessoas, elas não ficam satisfeitas em conceber apenas uma idéia individual ao escutarem um termo geral. Neste caso, elas formam uma variedade delas em seqüência com o objetivo de se familiarizarem com o significado e com o domínio daquele termo geral. Ao se falar a palavra figura, por exemplo, elas poderiam contemplar as idéias de círculo, quadrado, paralelogramo, triângulos de diferentes dimensões, etc, e não repousariam em nenhuma destas imagens.

Mas respondendo a isto e de certa forma resumindo a proposta, Hume afirma:

"However this may be, 'tis certain that we form the idea of individuals, whenever we use any general term; that we seldom or never can exhaust these individuals; and that those, which remain, are only represented by means of that habit, by which we recall them, whenever any present occasion requires it."

(Parágrafo 10)

Por último, Hume percebe que a única dificuldade que poderia ainda permanecer em nossas mentes é sobre a real natureza desses hábitos. Hume não encontra outro método de explicação se não o uso de analogias e exemplos, pois diz que explicar as causas últimas de nossas ações mentais é impossível. Uma das analogias que utiliza é quando uma pessoa que anteriormente não se recordava, passa a lembrar ou de um verso, ou de um discurso, ou de uma letra de música, simplesmente por alguém lhe dizer a palavra ou expressão inicial dos mesmos. Com esta analogia, Hume pretende mostrar que podemos reviver hábitos através de uma palavra ou expressão apenas, exatamente o que acontece quando ouvimos um termo geral e somos capazes de coletar e buscar diversas idéias que possuem relação com o termo geral.

9) Conclusão

Ao longo de nossa pesquisa, buscamos inicialmente investigar alguns aspectos da teoria da abstração lockiana, com especial ênfase na semântica dos termos gerais. Para tal, elaboramos primeiramente uma introdução com as teorias mais básicas de Locke, com o objetivo de não somente contextualizar sua proposta, mas como também de introduzir ao leitor um pouco do pensamento empirista clássico vigente na época. Dentre elas estão: a não aceitação das idéias inatas, a afirmação de que a origem de todas as idéias está na experiência, e, portanto a fonte primária destas seria a sensação, acompanhada em seguida da reflexão, e por último a classificação delas em simples e complexas, onde as simples são aquelas que não podem ser fabricadas nem destruídas por nós. Também mencionamos uma citação onde Locke nos indica quais os objetos à que se refere quando utiliza o termo idéia, central em toda a discussão.

Em seguida verificamos que Locke observa a necessidade da operação da abstração pelo fato de não sermos capazes de nomear todas as coisas particulares com que entramos em contato, pois as mesmas são infinitas. A operação de abstração consistiria em, ao observarmos um objeto, eliminarmos de sua idéia particular fatores como o lugar aonde se encontra, a data e hora da observação, seu estado de degradação, e quaisquer outros detalhes que o determinem para esta ou aquela existência particular. Através deste processo seria possível criar idéias gerais a partir de idéias particulares, reduzindo assim consideravelmente a quantidade de nomes.

Da mesma forma que elaboramos uma introdução sobre as idéias antes de analisarmos o processo de abstração, aqui fizemos o mesmo em relação à semântica dos termos gerais,

abordando, neste caso, assuntos ligados à linguagem em geral e ao significado das palavras. Vimos nela que Locke defende um tipo de semântica segundo a qual o significado de uma palavra é a idéia a ela associada. No caso dos termos gerais, seus correlatos semânticos seriam as idéias gerais e abstratas a eles associados.

Na segunda parte da pesquisa nos dedicamos a investigar as críticas de Berkeley e Hume à teoria da abstração lockiana. No que diz respeito à Berkeley, vimos que a crítica que propõe pode ser entendida de duas maneiras distintas: [1] como um argumento de dispensabilidade, que visa mostrar que idéias gerais e abstratas são desnecessárias, e [2] como um argumento que visa mostrar a impossibilidade de idéias com tal natureza. Em relação à primeira, Berkeley teria mostrado a dispensabilidade ao expor uma nova semântica dos termos gerais, em que não é utilizada a operação da abstração, e ao mostrar como podemos obter resultados universais em matemática trabalhando com idéias particulares. Quanto à segunda, Berkeley teria mostrado a impossibilidade da existência das idéias gerais e abstratas ao falar que não podemos conceber uma idéia sem que a mesma possua graus de particularidades. Por exemplo, quando imaginamos a idéia de homem, este homem deveria ter alguma cor de pele, podendo ser ou branca ou preta, ou morena ou qualquer outra cor, mas necessariamente alguma delas.

Mais adiante analisamos a retomada por Hume da crítica de Berkeley à operação da abstração lockiana. Hume lança mão de três argumentos contra a possibilidade da operação de abstração: [1] o da inseparabilidade, em que o grau preciso de uma qualidade não é distinto nem separável da própria qualidade <o comprimento de uma linha>; [2] o da cópia, em que as idéias são cópias mais fracas das impressões e nenhuma impressão pode estar presente na mente sem graus determinados de qualidade e quantidade, e [3] o da analogia, onde todas as coisas na natureza são individuais e portanto só podemos ter impressões, e conseqüentemente idéias, individuais < triângulo com lados e ângulos definidos >.

Por fim, estudamos as propostas de Berkeley e Hume para uma semântica alternativa dos termos gerais que não se baseasse apenas na associação palavra-idéia, como em Locke, mas que também dependesse de determinadas funções e relações desempenhadas e mantidas por termos e idéias. Neste caso, a idéia em si de um termo geral seria particular, mas através destas funções, ela seria capaz de representar um grupo de particulares. A seguinte afirmação, retirada do parágrafo 15 da Introdução do *Tratado sobre os princípios do conhecimento humano* de Berkeley, expõe de modo claro essa proposta: “Universalidade, tanto quanto compreendo, não consiste na absoluta, positiva natureza ou concepção de alguma coisa, mas na relação que significa entre particulares; por isso coisas, nomes e noções, por natureza, particulares, tornam-se universais”.

A palavra “relação” na afirmação acima tem vital importância, pois exprime o que Berkeley e Hume propõem: a forma de aplicar uma idéia particular pode fazer a mesma representar vários outros particulares, tornando-a assim geral.

Vendo que Berkeley não se aprofundou muito em relação ao processo de representação de um grupo de particulares por apenas um deles, Hume então introduz o conceito de “hábitos” para tentar esclarecer melhor a questão. O processo do “hábito” consistiria em que, após encontrarmos semelhanças entre determinados objetos, nós os agrupamos, e o fato de lembrarmos de apenas um destes objetos nos faria capaz de coletar ou buscar qualquer outro que pertença ao mesmo grupo. Fazendo uma analogia, seria como ao escutarmos uma só palavra, poderíamos lembrar da letra inteira de uma música.

Nessa etapa final de nossa pesquisa, verificamos também que existem suspeitas de que a crítica de Berkeley à teoria da abstração de Locke possa esconder ou mascarar alguma forma da operação de abstração. No parágrafo 12 de sua Introdução, por exemplo, há uma frase que oferece abertura para essa suspeita: “Ora, se quisermos atribuir sentido às nossas palavras e falar somente do que podemos conceber, concordaremos – creio eu – que uma idéia

particular, quando considerada em si mesma, se torna geral quando representa todas as idéias particulares da mesma espécie.” A palavra “espécie” certamente poderia conter implicitamente uma referência ao processo de abstração. A mesma suspeita parece surgir com respeito ao uso que Hume faz no *A Treatise of Human Nature* do conceito de semelhança.

Por um outro lado, também verificamos que ao falar sobre a universalidade, Locke poderia estar recorrendo ao conceito de função representacional, encontrado na proposta positiva alternativa de Berkeley e Hume para a semântica dos termos gerais.

10) Referências

1 - LOCKE, J. **An Essay Concerning Human Understanding**. New York: Dover Publications 1959

2 – BERKELEY, G. **Tratado sobre os princípios do conhecimento humano**. 5.ed. São Paulo: Nova Cultural 1992 (Os pensadores)

3 – HUME, D. **A Treatise of Human Nature**. Oxford: Clarendon Press, 1967. v VII, p.17-25.